

O SOM DO TUM-TUM

De Alexandre Kassis

Sinto saudade da Maninha. Éramos muito unidas. Partimos levados pelo vento, ela não seguiu como nós e ficou lá, agarrada no botão do vestido daquela menina.

Explicarei como é possível a gente ser levada pelo vento, alguém se agarrar a um botão de vestido e tudo mais.

Somos parecidos com vocês, mas nosso povo é bem pequeno, miúdo mesmo, invisível para os humanos. Somos tão leves que o vento pode nos carregar para qualquer canto. Se quisermos ficar no chão, temos que usar sapatos bem pesados.

Acho que agora você entendeu como é possível a gente ser lavada pelo vento, mas ainda falta explicar como fomos parar no vestido de uma menina e porque a minha irmã resolveu segurar em um botão e continuar por lá.

A Maninha resolveu ficar descalça para brincar e ver para onde o vento a levava, mesmo correndo o risco de ser arrastada para bem longe e não conseguir mais voltar, o que já tinha acontecido com muitos de nós.

Ela me disse várias vezes que se sentia diferente e que nasceu para realizar uma missão especial. Quando resolveu tirar os sapatos, não me assustei. Como irmã mais velha, pensei até em convencê-la do contrário, mas não ia adiantar nada o meu conselho, já que ela sabia muito bem o que queria, o que não queria, como as coisas começavam, como acabavam e sempre se sentiu a dona da verdade.

Eu afirmei que não tentei convencê-la a ficar de sapatos, mas ainda não contei que também tirei os meus e, mesmo sendo menos corajosa que ela, eu me deixei levar pelo vento, achando que deveria acompanhá-la nessa aventura, para cuidar dela.

Que boba eu fui! Também sabia que o vento pode nos levar para onde quiser. Ela foi para um lado, eu para outro e a perdi. Tentei me comunicar pelo pensamento, porque nós podemos fazer isso, mas não tive resposta.

Flutuei para longe, para o alto, sem saber mais onde estava. Queria descer, mas como? Meu corpo era jogado de lá para cá, seguia sem meu controle. Fiquei irritada, esperneeii, quase chorei. Fechei os olhos e pensei: se quero descer, vou tentar me grudar a alguma coisa que esteja indo lá pra baixo. É só mergulhar numa gota de chuva, me enfiar nas penas de algum passarinho que cedo ou tarde descerá. Sei lá. Vou tentar relaxar.

Nada de chuva, nada de passarinho e, no fundo, eu sabia que nenhum deles chegaria tão alto. Paciência, paciência. O vento foi sossegando e aos poucos fui descendo, mas não o suficiente para voltar ao chão.

Estava perto de uma janela, que foi aberta e fechada em seguida. Tudo aconteceu muito rápido. Fui sugada para o lado de dentro, caí no meio de um monte de fios dourados, junto de uma coisa parecida com uma borboleta gigante. Não entendi onde eu estava. Quando olhei com mais calma a tal borboleta, entendi que era um grande laço e, os fios dourados, cabelos de uma menina.

Subi no centro do laço e fiquei observando tudo à minha volta. Dali eu não conseguia ver bem o rosto da menina e só via, lá depois da franja, as pontinhas de seus cílios e um pedacinho do seu nariz. Ela estava totalmente imóvel e parecia nem respirar. Pensei: será que ela está morta? Essa dúvida me deixou arrepiada. Seria horrível estar na cabeça de uma morta. Resolvi sair do laço, segurei nos fios de cabelo e desci até a altura de uma das orelhas. Fiquei mais confusa. A orelha não tinha furo e era só um contorno com tudo que uma orelha tem, mas fechada. Se não está morta, a coitada é surda, eu pensei. Até que olhei direito e percebi que eu estava era na cabeça de uma boneca loura!

Mais tranquila, resolvi dar um passeio pela boneca, sempre segurando bem firme em qualquer coisa, porque eu temia ser levada novamente pelo vento. A janela estava fechada, mas se alguém abrisse seria um perigo. Segui por baixo do vestido. Lá nas costas da boneca encontrei um compartimento de pilhas, entrei nele por uma fresta, saindo bem rápido em seguida, porque não gosto de lugares muito escuros. Contra a vontade, logo precisei voltar lá para dentro, quando ouvi o som ensurdecido de uma voz de menina: – Vem com a mamãe, lindinha.

Com ouvidos bem fechados por minhas mãos, fiquei no meio das pilhas até me acostumar com aquele vozeirão que continuava vindo lá de fora. Saí bem devagar e por baixo da roupa da boneca fui subindo até perto do seu queixo e parei na gola do vestido. Dali, vi dedos com unhas vermelhas. Reparei que eram mal pintadas e que o esmalte borrou as cutículas. Mãos de uma criança, a dona da boneca.

Tudo começou a se mover para cima. A boneca foi embalada para lá e para cá. Fiquei a sentir o movimento do embalo e acabei com sono. Resolvi me enfiar no bolso dela para dormir um pouco. Achei o lugar um tanto escuro, mas para dormir era bom, lá entrava ar e um pouco de luz pela trama do tecido. Antes de dormir, me lembrei da Maninha. Fiquei preocupada e triste.

Acordei. Ouvi duas vozes altíssimas. Para abafar o som, coloquei nos meus ouvidos uns fiozinhos de linha que achei dentro do bolso. A mãe e a menina conversavam:

- As pilhas da sua boneca estão novas, não precisa trocar agora!
- Claro que precisa, mãe. Estão acabando porque ontem eu brinquei com ela o dia inteiro!

Pilhas novinhas e a boneca podia andar, dançar, cantar, falar. Movimentos, giros, tombos, canções e falação... Eu ali, sendo chacoalhada. Precisava sair de lá o quanto antes. Preferia vagar perdida no vento, mas naquela casa não ventava. Fiquei pensando numa forma de fugir. Não suportava mais ficar parada enquanto tudo se mexia, sempre sem o meu controle.

Gritei bem alto: – Não! Quero ir embora!

Quando percebi que ela não me ouvia, eu me senti mal por ser tão pequena e minha voz tão baixinha. Mesmo assim, continuei a pensar numa saída: e se eu estivesse bem perto do ouvido dela? Já imaginava a menina abrindo a janela para que o vento me levasse.

Em uma das vezes que a boneca foi embalada, consegui sair do vestido dela, passar para o vestido da menina e escalar em direção a um de seus ouvidos. Bem próxima do brinco, comecei a gritar, mas nada aconteceu de diferente. Decidi entrar naquele ouvido e pedir

ajuda falando bem alto. Ali, naquele buracão, bem diferente da orelha fechada da boneca, muitas coisas me surpreenderam.

Não entrei lá depressa. Nunca tinha entrado num lugar daqueles e imaginei o que poderia encontrar lá dentro. Se tivesse sorte e a dona do ouvido fosse alguém que cuidasse bem de sua higiene pessoal, não me afogaria num monte de cera. Mas tinha minhas dúvidas, porque quem pintava as unhas daquele jeito poderia também não limpar os ouvidos. Além de tudo, ali devia ser super escuro.

Resolvi entrar, mas não ir bem lá no fundo. Só iria até onde houvesse luz. Fui entrando devagar, quando ouvi sons saindo de lá. Que coisa estranha, eu pensei, já que ouvido é para entrar som e não para sair. Havia um pouco de luz ali dentro, mas estava bem escuro. Meus olhos foram se acostumando até que conseguiram enxergar o suficiente para que eu seguisse um pouco mais adiante. A cada passo os sons ficavam mais altos, até que percebi que eram vozes, muitas vozes.

Esbarrei em alguém. Levei um susto, mas fiquei feliz. Era Maninha. Depois da emoção pelo reencontro, eu quis saber como ela chegou ali e perguntei tudo pelo pensamento. Que bom podermos conversar assim ou não daria para ouvir nada, com tanto barulho. Maninha respondeu que foi trazida pelo vento e que detalhes não eram importantes naquela hora. Pegou na minha mão, apontou para a direção de onde as vozes vinham e nós duas caminhamos mais um pouco.

Algumas das frases eu consegui entender: “você é feia”, “você é fraca”, “você é burra”, “você é gorda”, “você não sabe”, “você não consegue”, “você é baixa” , “você é vesga” , “você é doente”. Maninha explicou que a menina sempre ouvia aquele coro. Eu não entendi como aquelas vozes estavam guardadas ali, mas o que me preocupou mesmo foi a triste situação da dona do ouvido. Que dor ficar o tempo todo ouvindo coisas tão ruins sobre si mesma. Perguntei para Maninha se no outro ouvido havia vozes dizendo coisas boas para ela, para compensar. Ela abanou a cabeça dizendo que não. Ficamos paradas por um instante, sem nada a dizer até que, mais uma surpresa: a chegada de outros membros de nosso povo. Logo, vi que todos estavam descalços e nem precisei perguntar como chegaram ali.

Eu não queria ficar naquele lugar. Reparei que todos desejavam ir embora, mas estavam preocupados em gritar pela ajuda da menina, só conseguiam pensar e agir por conta própria, sem contar uns com os outros. Estavam só buscando sua própria liberdade. Cada um gritava por socorro solitariamente, em tempos diferentes e aquelas vozes que ofendiam a criança eram muito mais altas e constantes, o que fazia os gritos serem inúteis. Questionei sobre aquelas atitudes: por que não saíram dali? Para que teimar se a menina não podia ouvi-los? De onde vinha tanta tolice?

Certa de que estava no lugar errado, na companhia errada, em atitudes erradas, resolvi seguir sozinha. Estava decepcionada com todos, até com a Maninha, que se achava tão sabida e nada de ideia brilhante para nos tirar dali.

Saí daquele ouvido para ter um pouco de luz, tanto nos olhos quanto nos pensamentos. Fiquei sentada atrás da outra orelha, segura na porquinha do brinco. Quase chorei, mas pensei que não tinha tempo a perder e logo decidi entrar no outro ouvido. Lembrei-me que minha irmã afirmou que no outro ouvido não havia outras vozes que dissessem coisas positivas. De qualquer forma, entrei lá só para conferir e quem sabe descobrisse a saída?

Logo escutei outro coro terrível. Dei uma olhada geral para ver se encontrava mais alguém por ali, achei que estava só, quando vi minha irmã chegando depressa. Ela escorregou e caiu no meio da cera. Não era muita, porém, para o seu tamanho era bastante para envolvê-la inteirinha. Ainda bem que eu a puxei logo, antes que sufocasse. Maninha desabafou que estava triste, desanimada, cansada, imunda e horrorosa. Queria sumir dali. Eu a abracei e disse que ela era linda de qualquer maneira, até toda suja de cera. Então, me se sentei num ossinho do ouvido e chamei Maninha para o meu colo. Ela resistiu, se aproximou lentamente, quase voltando para trás, até que se rendeu, se sentou ao meu lado e encostou no meu ombro a sua cabeça toda melada de cera. Começamos a rir.

Para ficar no escuro, somente se valesse muito a pena. Resolvi sair, pois naquele ouvido as vozes eram piores que as do outro lado. Maninha sugeriu que voltássemos para junto dos outros, mas eu disse que não voltaria lá de jeito algum. Ela insistiu e eu mudei de

ideia, somente para não deixá-la sozinha outra vez. Ela estava decidida: – Vamos encontrar nosso povo. Já sei o que vai nos salvar!

Ao encontrar os outros, ela foi logo explicando seu plano: – Precisamos gritar todos juntos, para que as nossas vozes unidas fiquem mais altas e possam ser ouvidas. Não adianta cada um gritar sozinho.

Um deles perguntou: – O que vamos gritar juntos?

Ela olhou para mim, sorriu e respondeu que gritaríamos “você é linda de qualquer maneira”. Irritada com a resposta, uma de nossas primas resmungou: – Por que não gritamos algo que mostre que estamos aqui e precisamos da sua ajuda?

O que Maninha propôs não fez sentido para os outros e muitos ficaram indignados achando que ela estava de brincadeira. Alguns permaneceram sem falar nada. Minha irmã pediu que confiassem nela e todos acabaram concordando, sem certeza. Depois de um pouco de ensaio, gritamos juntos. Quase nada de diferente aconteceu. Houve apenas um pequeno aumento do som do coração da menina. Então nós repetimos o coro em vozes mais altas. O tum-tum aumentou de novo e as vozes malévolas quase não podiam ser ouvidas.

Maninha ficou contente e eu também. Os outros não entenderam o motivo e muitos ficaram bravos. Eu e ela sabíamos o que estava prestes a acontecer. Pedi a todos um pouco de paciência e que fizessem o que ela dissesse. Ainda insatisfeitos, concordaram.

Ela pediu que todos sentissem as palavras que antes foram gritadas em coro e que enviassem pelo pensamento a mesma mensagem para a menina. Também pediu que fizessem um pouco de carinho em qualquer parte daquele ouvido. Por fim, que cada um saísse e esperasse um pouco lá fora.

Porém, alguém gritou irritado: – Como vou passar a mensagem de que ela é linda de qualquer maneira, se nem sei se isso é verdade?

Maninha não respondeu imediatamente. Sentiu, pensou, sentiu, pensou e depois disse:

– Ouça o som desse tum-tum. Tem coisa mais linda do que o som do coração? Deixe-o bater junto com o seu e terá certeza de que todos somos lindos apenas por estarmos

vivos. Vocês perceberam que as vozes quase se calaram? Quase só ouvimos o som do tum-tum. Vamos calar essas vozes de vez!

Todos finalmente concordaram com ela, seguimos sua proposta e depois nos encontramos lá na gola.

A menina estava sentada próxima a uma janela aberta. O vento ainda estava fraco, mas eles começaram a ir embora, flutuando para vários destinos.

Maninha e eu ficamos por último. Eu vi de longe aquela boneca jogada num canto e logo um vento mais forte me levou para além da janela, enquanto Maninha se segurava firme em um dos botões do vestido da menina.

Antes de sumir de vez, perguntei: – Você não vem?

Em silêncio, com um pouco de cera e lágrimas nos olhos, ela respondeu:

– Vou ficar mais um tempo por aqui. Somente uma janela foi aberta e ainda tenho muito a aprender junto à dona do coração.

E eu? Continuo sendo levada por meu amigo vento e também descobri minha missão especial: entrar por toda janela aberta, para contar histórias.